



O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parceat personis, dicere de vitüs*
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei n'esta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEIGNA DE J. N. DE NELLO.

REFLEXÕES SOBRE A NOSSA MOEDA DE COBRE.

O flagello da moeda falsa, vulgarmente denominada *chanchã*, começou verdadeiramente des d'o fatal dia, em que o desmazelado, e corruptissimo governo de D. João 6.º, que Deos haja, teve a desgraçada lembrança de duplicar o valor intrinseco do cobre, elevando os antigos 10 rs. a vintem, o vintem a 2, e os 2 a 4. Foi esta medida desassisada, imprudente, e iniqua, que abriu a porta á ambição, e deo franca entrada a essa praga de dinheiro falso, q' ta' graves males nos tem causado e vai causando: e d'ahi ajuizem os senhores escravos da Monarquia omnipotente, que tal he o seu bello governo absoluto. Hum Ministro estu-

pido, ou corrompido sonha huma reforma monetaria; e he quanto basta para se ella pôr em pratica sem mais discussao', sem mais exame, gema quem gemer.

Em verdade que homem haverá tao' apatico, e sobre tudo de tao' pura moral, que se nao' atire a cunhar cobre, sabendo, que he negocio de lucrar cento por cento? Por outra parte o crime deixa de o ser, logo que a complicitade se generaliza. D'ahi a avidez, e desembaraço, com que se começou a cunhar chanchan. As fabricas multiplicaraõ-se a ponto de ser rara a pessoa, que nao' tivesse a sua. Negociantes tinhaõ escravos acorrentados em armazens cunhando moeda de dia, e de noite: obreiros largarao' os seus officios, empregados largarao' os seus empre-

gos para se entregarem á mui lucrativa especulação de dinheiro falso: na Bahia chegou o descaramento a tal excesso, que até houve mulher, que de publico, posta na sua janella, gritava para a vizinha — Comadre, empreste me o seu cunho de vintem, &c. —! No tempo do ex-Imperador, cuja administração proterva, e destruidora tanto carpeem os interessados Caramurís, sabemos todos a que extremo chegou o fabrico de moeda falsa. Muitos dos Aulicos desse Principe tresloucado erao' cunhadores quasi publicos. Magistrados, que devírao' punir, ou erao' consócios do crime, ou recebíão gratificações para fechar os olhos, e deixar impunes os culpados.

A' vista de hum mal já antigo, e que se tornára tao' geral; como he possível, que a Administração actual, alias embaraçada em tantos, e tao' embrulhados negocios, empecida a cada passo por hum partido retrogrado, dê de prompto providencias taes, que desfaça' todos os empecilhos, e acabem de golpe com a moeda falsa? O mal he muitas vezes obra de hum momento; mas o remedio exige longo annos. Os maldictos restauradores (mau fim tentão elles) nao' olhao' para essas cousas, ou fingem ignoralas, lançando ao actual regimentas desgraças, que vierao' de fonte mais antiga, e que forao' augmentadas grandemente pela depravada, e delapidadora administração do seu dilecto D. Pedro.

Por outra parte a nossa Augusta Assembléa, accurvada sôb o pezo de muitos, e mui ponderosos negocios, estorvada em seus passos por aquelles Deputados, que vergonho-

samente pertencem à cáfila restauradora, mal, e a muito custo pôde engendrar a lei relativa á moeda. Eu confesso, que sou muito hospede em Economia Politica; e já tissee, que essa medida Legislativa tinha de offerecer difficuldades, e sacrificios; mas fosse qual fosse o remedio adoptado, qual seria o meio de o effectuar sem muitos, e graves inconvenientes? Como despreciar a moeda falsa, alias tao' abundosa, como desmonetizar o cobre falso sem algum prejuizo do Thezouro, e dos particulares? He preciso, que todos percaõ tanto, ou quanto para se poder dar hum corte nesse mal, que talvez visse a ser irremediavel, se alguma providencia nao' apparecesse a tal respeito.

Nem a guerra dos cabanos, nem a farinha tao' cara, nem a ousadia dos caramurís causao' o barulho, a confuzao', a desordem, que vai causando a rejeição da moeda. Há dia, em que as Familias nao' põe jantar ao fogo, se nao' muito depois de meio dia; porque toda a manha he pouca para viverem os compradores andarejando para aqui, e para ali, levando dinheiro, e trazendo-o da mesma sorte; porque nao' o quizerão na taverna, na quitanda, nem no assougue. O pobre matuto, que traz a sua carginha prra vender, já anda tao' espantadiço, e assarallhopado, que rejeita alto, e malo quanto cobre lhe apresentão. Elle tomalhe o pezo na mão; elle rezista o 6, e 8 vezes pelas cruces, e pelo cunho; elle atira-o á pedra para lhe observar o tinido; e só lhe falta cheirallo, e levalllo ao paladar. Quantas pessoas tem ficado sem cêa por causa de lhe

nao' quererem receber o cobre , que tem ?

No meio desse cáhos apparecem pessoas imprudentes , que vozeão ás tontas , e ás loucas , pertendendo remedear hum mal com outros males muito maiores. Sim a cada passo ouve se gritar — Sem humma grande rusga isto nao' toma getto — Mas onde foi , que se vio remedear com a guerra civil o mal de moeda falsa? Contra quem ha de ser essa rusga , tão preconizada por pessoas irreffectas , e inconsideradamente raiuinhoras? Só se for armarem-se os cidadãos hums contra os outros , e jogarem o murro , a facada , e outras brincadeiras destas , que nao' tem graça nenhuma; porque quem he culpado da moeda falsa? O Governo actual certamente que não. O principal causador de tudo foi D. João 6^o , ou antes os seus gnapos Ministros , os quaes todos já estão na contra-costa , isto he; no Ceo , ou no inferno , que he o mais provavel. A sucia de D. Pedro , se havia de pôr dique á torrente ; facilitou-lhe o curso ; fomentou e deu alento ás fabricas , desmoralizou tudo; e agora os caramurús (muitos dos quaes pozerao' em contribuiçao' chocolateiras , taxos , bacias , &c. &c.) sao' os principaes carpidores do chanchá. Contra quem ha de ser essa rusga? Contra os que nao' quizerem acceitar a moeda , com que lhes eu pago? Bem : entao' outros deverao' chegar-me ao pello; por quanto eu , que , quando compro , quero , que me receba'o' a minha moeda , rejeito , se vendo , a moeda , que me querem dar os outros.

Verdade he , que nessa escolha de moedas há hum escrupulo , que faz

desatinar de raiva. Há sujeito , que rejeita moeda do tempo da Rainha maí (que era bom tempo , Santo tempo dos divinos Capitães Generaes !) só porque ou está embaçada , ou tem zinabre , &c : mas a este inconveniente accodio com providencia provisoria o Exm. Presidente , mandando por hum bando , que se acceite toda a moeda , que tiver tal pezo , &c : mas he preciso , que os Sr. Juizes de Paz tomem a peito o desempenho dessa medida; e que a ordem se execute em todos os Districtos ; porque do que serve , que os Juizes de Paz de Sancto Antonio , por ex , obriguem a acceitar a moeda boa , se os do Recife , Boavista , Olinda , &c. &c. não se importa'o com isto. O resultado he rejeitar-se aqui a moeda , que se acceita ali , e chegar a tal ponto a desesperaçao' do Povo , que rompa em horriveis excessos , que muito convem obstar. Hoje isso de moeda está no gosto de cada hum. Este nao' quer esta ; porque he muito vermelha ; aquelle ; porque he muito escura , ainda que tenha'o o pezo legal , e o cunho bem claro.

Finalmente todas as medidas serao' pouco proveitosas , em meu entender , em quanto a moeda nao' for reduzida a hum pezo tal , que não convide , e provoque a ambiçao' dos particulares ; porque toda vez que hum lib. de cobre , que se compra por 320 rs. , por ex , der de lucro 640 , e mais , nao' havera quem deixe de cunhar moeda. Multiplicar , e exacerbar os castigos he remedio inutil ; porque a experiencia mostra , que onde há incentivo de interesse , nao' aproveita rigor ; e ainda que hum lei barbara impozesse a pena da fo-

gueira a ao fabricantes de moeda falsa, estes continuarião na especulacão, em quanto lhes offerecesse ganancias consideravel. Os crimes nao se evitao' pela severidade do castigo, senão pela certeza, e promptidão del le, e principalmente removendo o pendor, e incentivo de o cometter.

RIO DE JANEIRO.

Insolencia inaudicta dos infames restauradores.

No Periodico — *A Verdade* — de 26 de Setembro prox. pas, vem hum carta documentada do Sr. Carlos Miguel de Lima, que ha hum prova incontestavel da ousadia, despejo, e immoralidade a que tem chegado n'aquella Côrte o perversissimo partido restaurador. Hum homem ignobil, hum tytore, hum bisbarrias, hum tal Clemente Jozé de Oliveira, comprado pelos caramurus insultou descaradamente a honesta Familia do Exm. Regente o Snr. General Lima; pelo que fôra prezo. E sendo este chamado á Relacão, e perguntado pelo Dezebargador Corregedor do crime da Côrte, e Caza sobre as injurias, que proferira, repetio-as, e amplificou as com tantas palavras torpes, e com denodo tal, que admiráram' a todo o mundo, e em respeito a decencia publica nao' poderao' ser transcriptas no Periodico.

Sabe se alem disto, q' esse melque trefe era descaradamente protegido pelos chamados figurões, ou papelões do partido caramuru. Ora he para espantar a immoralidade, e protervia de taes homens, que se intitulaõ hon-

rados, e personagens da primeira ordem; he verdadeiramente espantoso, que o partido do Duque de Bragança, partido, em o qual existem pais de familias apoiem, aprovem, e protejao' a hum perverso, que vulnera tao' dolorosamente a honra melindrosa de hum Familia respeitavel, como he a do Exm. Sr. Lima! Eis o que sao' os ridiculos sustentaculos do Throno, e do Altar, eis o caracter bem determinado do partido restaurador. Hum vez que chegue a seus perversos fins, todos os meios, os recursos mais iniquos, e vergonhosos lhes sao' agradaveis. Mas taes sao' as consequencias da bonomia, adoptada des d'o principio pela actual Administracão a respeito dos absolutistas, ou columnas. A impunidade tirou os do letargo, em que jaziaõ, a protecção alentou os, e a desunião dos Liberaes deo-lhes azo a pertenderem sobrar nos, e reduzir nos ao ignominioso jugo do Lusitano Duque de Bragança.

O Rio de Janeiro he o seminario dos chumbeiros, dos absolutistas, caramurus, restauradores, e de toda a laia de inimigos do Brazil. Ali rezide o verdadeiro imperio da impostura; ali estaõ desassombrados, arrogantes, e ameaçadores os aulicos infames, os parazytas, e intervenideiros do ex-Imperador; e d'ali he, que os consócios, espalhados pelas Provincias, recebem as instrucções, os planos, e todas as insinuações, e bem podemos asseverar sem erro, que ali esta o quartel general dos cabanos.

A' vista de tanto descaramento, á vista do estado, a que tem chegado as cousas do Brazil, conjecturo com grande magoa do meu coração, que a nossa Patria vai a nadar em sangue, e muito sangue, sem o que parece me impossivel, termine hum crize tao' perigosa, e horivel. A guerra civil esta por instantes a romper por toda a parte, graças ao perdão para os illudidos. No Rio quizeraõ cantar a victoria os Caramurus; porque em fim li he o viveiro delles, se bem que todavia fôraõ de baixo; mas em Pernambuco, na Patria dos Theotonios, dos Antonios Henriques, dos Leões Coronados, e Canecas quer-me parecer, que mui cara lhe ha de ser a luta, e saberaõ para quanto prestaõ os livres Pernambunos.



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

Hunc servare mo tum nostri novere libelli

Parcere personis, dicere de vitiis.

Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei n'esta Folia as regras boas,

Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAPHIA FIDELIGNA DE J. N. DE MELLO.

REFLEXÕES SOBRE A NOSSA MOEDA DE COBRE.

O flagello da moeda falsa, vulgarmente denominada *chauchã*, começou verdadeiramente des' d'o fatal dia, em que o desmazelado, e corruptissimo governo de D. Joao' 6.º, que Deos haja, teve a desgraçada hesitação de duplicar o valor intrinseco do cobre. Elevando os antigos 10 rs a vintem, o atual a 2, e os 2 a 4. Foi esta medida desassiste, imprudente, e iniqua, que abriu a porta á ambição, e deu franca entrada a essa praga de dinheiro falso, q' tão graves males nos tem causado, e vai causando: e d'ahi ajuizem os senhores escravos da Monarquia omnipotente, que tal he o seu atual governo absoluto. Hum Ministro esta-

do, ou corrompido sonha, hum reforma monetaria; e he quanto basta para se ella pôr em pratica sem mais discussão, sem mais exame, gema quem gemer.

Em verdade que homem haverá tão apatico, e sobre tudo de tão pura moral, que se não atire a cunhar cobre, sabendo, que he negocio de lucrar cento por cento? Por outra parte o crime deixa de o ser, logo que a complicitade se generaliza. D'ahi a avidez, e o embaraço, com que se começou a cunhar cuanchian. As fabricas multiplicarad-se a ponto de ser rara a pessoa, que não tivesse a sua. Negociantes tinham escravos acorrentados em arrastões cunhando moeda de dia, e de noite; obreiros largados nos officios, e empregados la...

gos para se entregarem a mui lucrati-
va especulação de dinheiro falso: na
Bahia chegou o descumprimento a tal
excesso, que até houve mulher, que
de público, posta na sua janella,
gritava para a vizinha — Comadre,
empreste-me o seu cunho de vintem,
etc. —! No tempo do ex-Imperador,
cuja administração proterva, e des-
truidora tanto carpem os interessa-
dos Caramurus, sabemos todos a
que extremo chegou o fabrico de
moeda falsa. Muitos dos Aulicos des-
se Principe tresloucado erao cunha-
dores quasi publicos. Magistrados,
que deverao punir, ou erao consa-
cios do crime, ou recebião gratifi-
cações para fechar os olhos, e dei-
xar impunes os culpados.

A' vista de hum mal já antigo, e
que se tornára tão geral: como he
possivel, que a Administração actual,
tão embaraçada em tantos, e tão
embrialhados negocios, empecida a
cada passo por hum partido retrogra-
do, de de prompto providencias
taes, que desfazão todos os empeci-
lhos, e acabem de golpe com a moe-
da falsa? O mal he muitas vezes o-
bra de hum momento; mas o reme-
dio exige longo annos. Os maldictos
restauradores (mau fim tenhaõ elles)
naõ oíhaõ para essas cousas, ou fin-
gem ignoralas, lançando ao actual
regimen as desgraças, que vierão de
fonte mais antiga, e que forão aug-
mentadas grandemente pela depra-
vada, e delapidadora administração
do illecto D. Pedro.

Por outra parte a nossa Augusta
Assemblea, accurvada sob o peso
de tantos, e mui ponderosos nego-
cios, e por se is passos por
aqueles J...s, que vergonho-

samente pertencem á cáfila restaura-
dora, mal, e a muito custo põe em
gêndrar a lei relativa á moeda. Eu
confesso, que sou muito hospede em
Economia Política: e já disse, que
essa medida Legislativa tinha de of-
ferecer difficuldades, e sacrificios;
mas fosse qual fosse o remedio adop-
tado, qual seria o meio de o effeitu-
ar sem muitos, e graves inconveni-
entes? Como desapreciar a moeda
falsa, alias tão abundosa, como des-
monetizar o cobre falso sem algum
prejuizo do Thezouro, e dos particu-
lares? He preciso, que todos percaõ
tanto, ou quanto para se poder dar
hum corte nesse mal, que talvez vi-
esse a ser irremediavel, se alguma
providencia naõ apparecesse a tal
respeito.

Nem a guerra dos cabanos, nem a
farinha tão cara, nem a ousadia dos
caramurus causão o barulho, a con-
fusão, a desordem, que vai causan-
do a rejeição da moeda. Há dia,
em que as Familias naõ poe jantar
ao fogo, se naõ muito depois de
meio dia; porque toda a manhã he
pouca para viverem os compradores
andarejando para aqui, e para ali,
levando dinheiro, e trazendo-o da
mesma sorte; porque naõ o quizerão
na taverna, na quitanda, nem no as-
sougue. O pobre catuto, que traz
a sua carguinha para vender, já an-
de tão espantadico, e assaralhopado,
que rejeita alto, e malo quanto cobre
he apresentado. Elle toma-lhe o pezo
na mão; elle rezista o 6, e 8 vezes
pelas cruces, e pelo cunho; elle ati-
ra-o á pedra para lhe observar o ti-
nido; e só lhe falta cheirallo, e le-
vao ao valadar. Quantas pessoas
tem ficado com cêa por causa de lhe

... não quererem receber o cobre, que

No meio desse cálio apparecem pessoas impudentes, que vozeão ás tomas e ás lóucas, pertendendo remedear hum mal com outros males muito maiores. Sim a cada passo ouve se gritar -- Sem hum grande rusga isto não toma geito -- Mas onde foi, que se vio remedear com a guerra civil o mal da moeda falsa? Contra quem ha de ser essa rusga, tão preconizada por pessoas irreffectas, e inconsideradamente rai-vinhosas? Só se for armarem-se os cidadãos uns contra os outros, e jogarem o murro, a facada, e outras brincadeiras destas, que não tem graça nenhuma; porque quem he culpado da moeda falsa? O Governo actual certamente que não. O principal causador de tudo foi D. João 6.^o, ou antes os seus guapos Ministros, os quaes todes já estão na contracosta, isto he; no Céu, ou no inferno, que he o mais provavel. A sucia de D. Pedro, se havia de pôr dique á torrente; facilitou-lhe o curso; fomentou e deu alento ás fabricas, desmoralizou tudo; e agora os caramurus (muitos dos quaes poterão em contribuição chocolateiras, taxos, bacias, etc. etc.) são os principaes capidores do chagabã. Contra quem ha de ser essa rusga? Contra os que não quizerem acceitar a moeda, com que lhes en pago? Então outros deverão chegar-se ao pó, por quanto eu, que, quando compro, quero, que me recebam a minha moeda, rejeito, se vendo, a moeda, que me querem dar os outros.

Verdade he, que nessa escp. de moedas há hum escrupulo, que faz

desatinar de riva. Há sujeito, q. a rejeita moeda do tempo da Rainha mãe (que era bom tempo, Santo tempo dos divinos Capitães Generaes!) só porque ou está embaçada, ou tem o anobre, etc.: mas a este inconveniente accodio com providencia provisoria o Exm Presidente, mandando por hum bando, que se acceite toda a moeda, que tiver tal pezo, etc.: mas he preciso, que os Srs. Juizes de Paz tomem a peito o desempenho dessa medida; e que a ordem se execute em todos os Districtos; porque do que serve, que os Juizes de Paz de Sancto Antonio, por ex., obriguem a acceitar a moeda-bom, se os do Recife, Boa Vista, Olinda, etc. etc. não se importaão com isto? O resultado he rejeitar-se aqui a moeda, que se acceita ali, e chegar a tal ponto a desesperaçã do povo, que rompa em horriveis excessos, que muito convem obstar. Hoje o uso de moeda está no gosto de cada hum. Este não quer esta; porque he muito vermelha; aquelle; porque he muito escura, ainda que tenha o pezo legal, e o cunho bem claro.

Finalmente todas as medidas serão pouco proveitosas, em meu entender, em quanto a moeda não for reduzida a hum pezo tal, que não concorde, e provoque a ambição dos particulares; porque toda vez que hum lib. de cobre, que se compra por 320 rs., por ex., de valor 640, e mais, não haverá quem deixe de cunhar moeda. Multiplicar, e exacerbar os castigos he remedio inútil; porque a experiencia mostra, que onde há incentivo de interesse, não aproveita rigor; e ainda que hum lei barbara impozesse a pena da

para a os fabricantes de moeda falsa, estes continuariam especulando, em quanto lhes offerecesse ganancia consideravel. Os crimes não se evitaõ pela severidade do castigo, senão pela certeza, e promptidão dele, e principalmente removendo o pendor, e incentivo de o cometer.

RIO DE JANEIRO.

Insolencia inaudita dos infames restauradores.

No Periodico — *A Verdade* — de 26 de Setembro prox. pas., vem hum carta documentada do Sr. Carlos Miguel de Lima, que he huma prova incontestavel da ousadia, despejo, e immoralidade a que tem chegado n'aquella Corte o perversissimo partido restaurador. Hum homem ignobil, hum tytre, hum bisborrias, hum tal Clemente Jozé de Oliveira, comprado pelos caramurus insultou desafortadamente a honesta Familia do Excm. Regente o Sr. General Lima; pelo que fôra prezo. E sendo este chamado á Relação, e perguntado pelo Dezembargador Corregedor do crime da Corte, e Caza sobre as injurias, que proferira, rejeitou-as, e amplificou-as com tantas palavras torpes, e com denodo tal, que admirára a todo o mundo, e em respeito a decencia publica não poderaõ ser transcriptas no Periodico.

Sabe-se alem disto, q'esse melque-trefe era descaradamente protegido pelos chamados figurões, ou papeldes do partido caramuru. Ora, para espantar a immoralidade, e protervia de taes homens, que se intitulaõ hon-

rados, e personagens da primeira ordem; he verdadeiramente espantoso, que o partido do Duque de Bragança, partido, em o qual existem pois as familias apokem, anrozem, e proejão a hum perverso, que vulnera tão dolorosamente a honra melindrosa de hum Familia respeitavel, como he a do Exm. Sr. Lima, e o que são os ridiculos suscitaculos do Throno, e do Altar, eis o caracter bem determinado do partido restaurador. Hum vez que chegue a seus perversos fins, todos os meios, os recursos mais iníquos, e vergonhosos lhes são agradaveis. Mas taes são as consequencias da bonomia, adoptada des d'o principio pela actual Administracão a respeito dos absolutistas, ou columnas. A in punidade tirou-os do letargo, em que jaziaõ, a protecção alentan-os, e a desunião dos liberaes deo-lhes a pertenderem sobrar-nos, e redim-nos da ignorancia do Luzitano Duque de Bragança.

O Rio de Janeiro he o seminario dos chumbeiros, dos absolutistas, caramurus, restauradores, e de toda a laia de inimigos do Brazil. Ali rezide o verdadeiro imperio da impostura; ali estão desassombrados, arrogantes, e ameaçadores os antigos infames, os paraytias, e intervenidores do ex Imperador; e d'ali he, que os consócios, espalhados pelas Provincias, recebem as instrucções, os planos, e todas as insinuações, e bem podemos asseverar sem erro, que ali esta o quartel general dos cabanos.

A vista de tanto descaramento, á vista do estado, a que tem chegado as cousas do Brazil, conjecturo com grande magoa do meu coração, que a nossa Patria vai a nadar em sangue, e muito sangue, sem que seja nem impossivel, termine hum crize tão pavorosa, e horrivel. A guerra civil está por instantes a romper por toda a parte, graças ao pericio para os alludidos. No Rio qui- cantar a victoria os Caramurus; porque em lá he o viveiro delles, se bem que todavia ha raõ de Baixo; mas em Pernambuco, na Pátria dos Theotonios, dos Antonios Henriques, dos Leões Coroados, e Canecas quer-me parecer, q'um mui cara llo ha de ser a luta, e sabe-se quanto prestão os livres Pernambucanos.